

# O CORPO ESPONTÂNEO INSERIDO NA CIDADE DURA

Autor: **Bárbara de Bárbara Hypolito**  
mestranda no PROGRAU/UFPeL

Orientador: **Prof. Dr. Eduardo Rocha**  
Docente Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFPeL e no PROGRAU/UFPeL

barbarahypolito@hotmail.com

amigodudu@yahoo.com.br

## RESUMO

A relação entre os corpos e o espaço urbano, as forças geradas e as marcas deixadas, mutuamente, é o que trata a corpografia urbana, estudo ao qual se alia esta pesquisa e permite ler a cidade a partir da experiência do corpo no seu espaço de vivência cotidiana. Uma cidade que se desenvolve regrada em planos, diretrizes e ações, não fomentadas junto ao olhar e à experiência do indivíduo - enrijecendo cidade e indivíduo, e reduzindo as possibilidades da experiência do corpo, dito espontâneo, nesse território. Qualificar a experiência corpo-cidade implica respeitar que a cidade contemporânea é o lugar das diferenças, da diversidade racial e cultural, das conexões; onde a comunicação e os meios de deslocamento determinam novas relações do corpo com trabalho|distâncias|tempo|corpo|cidade; e percebendo-o como um organismo espontâneo sem manter um comportamento padronizado. Um bom lugar é capaz de possibilitar melhores experiências físicas e perceptivas do indivíduo com seu espaço urbano, produzindo vidas e cidades mais ativas, seguras e interativas.

## PALAVRAS-CHAVE

cidade; corpo; experiência urbana, corpografia.

## INTRODUÇÃO

Este pesquisa tem como objetivo realizar uma discussão que permita tensionar a relação entre corpo e cidade; lançando um olhar investigativo sobre a cidade contemporânea e as experiências urbanas que sua configuração espacial é capaz de possibilitar.

A relação que os corpos estabelecem no espaço urbano e as forças geradas de maneira mútua, entre esses corpos, deixando também suas marcas e intervenções - seja de forma perceptiva, intuitiva, seja de forma física - é o que trata a corpografia|carografia urbana,

estudo ao qual se alia esta pesquisa e que permite a leitura do ambiente urbano a partir da experiência do corpo no seu espaço próprio de deslocamento e vivência cotidiana – a cidade.

Uma cidade que se desenvolve regrada em planos, diretrizes e ações que, na maioria das vezes, não estão sendo construídas junto à população usuária - de maneira que as decisões sejam fomentadas e praticadas juntamente com o olhar e a experiência do indivíduo - passa a estabelecer relações de enrijecimento em ambos, cidade e indivíduo, reduzindo as possibilidades da experiência do corpo, dito espontâneo, nesse território.

Qualificar a experiência entre o corpo e a cidade implica respeitar que a cidade contemporânea se caracteriza como o lugar das diferenças, da diversidade racial e cultural, das conexões e das redes de fluxos; onde a relação espaço-tempo se dá de maneira nunca antes vista; onde a comunicação e os meios de deslocamento se fortalecem e determinam novas relações entre corpo e trabalho, corpo e distâncias, corpo e tempo, corpo e corpo, corpo e cidade. Ao mesmo tempo em que respeita o corpo como um organismo espontâneo, capaz de tomar suas próprias escolhas e decisões, aliado às suas individualidades e subjetividades, e que não mantém um comportamento padronizado.

Sendo assim, um bom lugar determinará, ou possibilitará, bons experimentos físicos e perceptivos do indivíduo com o espaço urbano do seu cotidiano, facilitando vidas mais ativas, mais seguras e mais interativas aliadas ao planejamento urbano e ao crescimento das cidades.

A pesquisa encontra-se em andamento, e para a sua elaboração desta pesquisa estão sendo utilizados referenciais bibliográficos e pesquisa de campo cartográfica; na intenção de criar um repertório acerca das características do sistema configuracional urbano das cidades contemporâneas, permitindo uma análise da experiência urbana na cidade de Pelotas/RS e as possibilidades de melhoria no seu planejamento espacial; tendo o graffiti como uma ferramenta dispositiva propondo hipóteses acerca da sua qualidade em afetar e possibilitar leituras acerca dos corpos e de suas experiências mais ativas na cidade.

## **A CIDADE CONTEMPORÂNEA**

A cidade é um “artefato da cultura” (MAGALHÃES, 2007, p. 9) repleto de complexidade e de contradições, expressão pura de uma sociedade multicultural e do resultado dos planos urbanísticos e sociais nela inseridos.

Entende-se por contemporaneidade o tempo recente, o que está em fluxo, o momento capaz da experimentação, “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p.59).

Abordo a cidade contemporânea, como aquela do tempo atual - “constituída com base nas grandes mudanças políticas, culturais e de produção experimentadas na segunda metade do séc. XX [...] onde tempo e espaço são relativos e o futuro pode abrigar a

incerteza” (MAGALHÃES, 2007, p.10) - que apresenta as manifestações da contemporaneidade caracterizadas pelos meios de comunicação ligando os espaços em redes de fluxos, ultrapassando fronteiras físicas e culturais e onde cada vez mais o local se constitui na sua relação com o global. É a própria expressão coletiva, trata com e das diferenças, com múltiplos agentes, olhares e culturas de referência e cujas conformações urbanas se apresentam como modelos da diversidade.

Contemporâneo, para AGAMBEN (2009), é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro, onde o presente não é outra coisa senão a parte não vivida em todo o vivido e justamente a atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo.

A cidade contemporânea não mantém características idênticas em toda parte do mundo, mas “parece para muitos como um confuso amálgama de fragmentos heterogêneos, no qual não é possível reconhecer [...] nenhum princípio de racionalidade que a faça inteligível. No entanto, [...] confusão é uma palavra inventada para indicar uma ordem que não se compreende.” (SECCHI, 2006, p.88). Tal cidade caracteriza-se, cada vez mais, como o lugar das diferenças, da diversidade racial e cultural, das conexões.

Fragmentação, heterogeneidade e dispersão são também termos utilizados por SECCHI (2006) como aspectos visíveis da cidade contemporânea, atribuídos às mudanças nos meios de comunicação e transportes. Na cidade moderna, cujos planos e conceitos se constituíram a partir dos modelos da industrialização do séc. XIX, com uma sociedade moldada pela razão e onde tempo e espaço eram absolutos, o tempo era marcado pelo movimento rotineiro casa-trabalho. Hoje o tempo se constitui de outra forma, evidenciado “por uma dispersão caótica de movimento entre origem e destinos dispersos, feitos por sujeitos muito diferentes entre si, com metas e em horários igualmente variados” (SECCHI, 2006, p.109) resultando em modificações acerca dos meios de transportes e nas características gerais da cidade atual.

A prioridade dada ao transporte individual em relação ao coletivo mantém as cidades mais dispersas ao invés de compactas - fato que preocupa os estudiosos urbanistas com relação à forma que as cidades estão tomando, e aos perigos ambientais e sociais que acarretados.

ASCHER (2010) considera que os novos meios de transporte e armazenagem de pessoas, informações e bens, permitem certa emancipação espacial e temporal. É comum, pela facilidade da internet e dos meios de comunicação, as pessoas utilizarem suas residências como ambientes de trabalho, resultando inclusive mudanças nas relações familiares. É possível trabalhar enquanto se desloca, enquanto se pratica afazeres domésticos e assim por diante. A presença física, em muitos casos, já não é necessária e os indivíduos podem ainda escolher os locais e os momentos para comunicar-se, visto que a sensação de estar em vários lugares ao mesmo tempo é praticamente real. Essas mudanças nos meios de deslocamento permitem uma maior mobilidade social, viver longe dos locais de trabalho, por exemplo, apesar de modificar a natureza do local e tornar a vida um tanto quanto mais individualista, “na qual os indivíduos, mais diferenciados e autônomos, compartilham apenas momentaneamente valores e experiências sociais” (ASCHER, 2010, p. 42).

O acesso à informação (internet, mídia, impressos) e as mudanças nos meios de

produção incentivam a indústria e os serviços a apresentarem novidades num tempo quase que imediato. No entanto, o novo pode gerar resistência, potência ou pensamento; isso se dá mais claramente nas artes, na música, no cinema, na literatura, na filosofia, na arquitetura, respingando o novo, então, na cidade, nas pessoas.

Mas como pode o corpo lidar com o novo, em sua experiência na cidade contemporânea, se ele foi ensinado a seguir as regras, as fórmulas, numa cidade que se sabe imprevisível ao mesmo tempo em que é regrada e planejada a partir de diretrizes urbanas já estabelecidas?

Em palestra, a Prof. Dr<sup>a</sup> Laura Azevedo<sup>1</sup>, abordou sobre o desenho urbano como uma ferramenta que lida com a estrutura, a aparência e o desenvolvimento do espaço e da forma urbana, a partir de planejamento e de políticas públicas aliados à arquitetura, de forma a criar cidades com mais mobilidade social e urbana, cujos habitantes sejam incentivados a possuir vidas mais ativas, mais seguras e onde a interação social ocorra em espaços projetados de forma a qualificar o lugar e os experimentos.

O bom lugar, segundo AZEVEDO, é caracterizado por segurança, fácil acesso, legibilidade e percepção (onde os habitantes possam manter um controle passivo sobre o espaço urbano, ‘olhos nas ruas’), balanço ecológico (com áreas verdes e azuis), permeabilidade (através de conexões e acessos), identidade cultural (a partir do reconhecimento do lugar e do seu patrimônio, enraizado no passado e criando o novo), viabilidade econômica (que conecta as redes de emprego e demais usos da cidade), vitalidade (referente ao fator bem-estar, aos lugares atrativos, confortáveis e seguros; produto da interação de fatores psíquicos, ambientais e econômicos; com as edificações interagindo com os espaços públicos, ‘fachadas ativas’), e variedade (diversidade cultural, usos mistos, variedade tipológica).

Na experiência da cidade o processo sensitivo aciona e regula os sentidos do transeunte. Muitos são os elementos capazes de induzir essa experiência. O cheiro, o gosto, o tato e o movimento do organismo são ativados a partir das texturas, da vegetação, da luz, da sombra, do sol, do som; e é a disposição desses elementos que qualificará a experiência sensorial em um determinado espaço urbano.

São os encontros que criam os lugares e os espaços públicos deveriam acolher as diferenças. Já que existe uma tendência na prática arquitetônica de isolamento, de condomínios e bairros fechados, de afastamento das periferias e da construção de casas para proteger seus habitantes do crime ao invés de integrá-los às comunidades que pertencem, vê-se no espaço urbano e público a possibilidade dessa integração, do retorno ao convívio social, das relações de vizinhança e da comunicação interpessoal, a partir da criação de locais com ‘a cara’ daquela população/comunidade específica.

“É nos *lugares* que se forma a experiência urbana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos *lugares*, e graças aos *lugares*, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela

---

1 AZEVEDO, Laura Novo. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> da *Oxford Brookes University*. Palestra conferida durante o *1º Encontro de Desenho Urbano: ;VIVA O TERRITÓRIO!* no auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, promovido pelo Laboratório de Urbanismo desta mesma instituição; EM ABRIL DE 2012. As explicações e demais oficinas desenvolvidas durante o encontro dão sequência ao Projeto *Urban Design Experience*, desenvolvido pela professora.

esperança de realizar-se [...].” (BAUMAN, 2009, p.35)

No entanto, a realidade mostra que as pessoas não se identificam com suas cidades e suas fontes de riqueza resultando num processo desigual onde os mais afortunados podem deslocar-se de um local ou cidade para outro(a) de acordo com suas necessidades e vontades, escapando dos problemas sociais, apenas se mudam e se reacomodam, diferente dos menos afortunados que estão condenados a permanecer, a sobreviver. A classe média passa a se concentrar em loteamentos, fechados, isolados, com entradas e saídas vigiadas; fisicamente dentro da cidade, mas socialmente fora. (BAUMAN, 2009)

Os centros urbanos, que antes apresentavam uso comercial e residencial, passam a se esvaziar resultando em zonas com atividades apenas durante o dia e à noite vazias de pessoas e atividades, zonas fantasmas, abandonadas. BAUMAN (2009) tratando sobre a confiança e o medo da população sugere que um dos desafios da vida nas cidades se concentra cada vez mais no local, nas ruas, nos bairros, na vizinhança, encontrando soluções locais para contradições globais. A cena urbana é de medo com relação às diferenças, mas as pessoas sempre serão diferentes entre si e necessitarão enfrentar e traduzir os significados umas das outras, aprendendo a conviver com as diferenças, pois quanto mais heterogênea for uma cidade mais atrativa e oportuna ela será, e quanto mais os espaços públicos forem abertos, convidativos, acolhedores, mais serão frequentados e compartilhados, favorecendo o encontro tanto de iguais quanto de diferentes.

A insegurança faz com que a espontaneidade e todos os atrativos da vida urbana desapareçam das ruas da cidade. Os espaços públicos representam os locais onde a atração e a rejeição são desafiadas, onde o diálogo e as diferenças são encorajados; portanto devem ser planejados amplos, com variedades de usos e de atrativos à interação humana e à prática dos costumes locais.

Sobre a experimentação na cidade, AGAMBEM (2009) aborda que, de um lado está o poder soberano, a cidade dominada, rígida, dura, onde público e privado são bem determinados com suas leis e seus planos diretores; no entanto, na contemporaneidade, há certa necessidade de burlar essa cidade rígida. Então, de outro lado, a vivência nesse espaço duro ou tenta manter a rigidez ou vem para gingar, para contrapor, fluir e interpenetrar. O contemporâneo é a própria fresta do tempo, entre o mundo messiânico e o profano, as coexistências.

## **O CORPO ESPONTÂNEO**

Trato aqui o corpo espontâneo como aquele que realiza suas atividades, seus deslocamentos e suas escolhas espontaneamente; baseado principalmente em suas emoções, sensações corporais e intuições, que não é forçado, pré-determinado e nem enrijecido por normas, leis ou condicionantes. Um corpo que toma suas próprias decisões, que pode caminhar pela cidade tranquilamente aliado às suas individualidades e subjetividades, e que não tem seu comportamento padronizado a partir de uma sociedade dita de massas e muito menos por uma cidade que limita seus deslocamentos

e suas possíveis escolhas, visto que não consegue assegurar questões como segurança e mobilidade física do indivíduo.

GUATTARRI, no livro *As três ecologias*, sugere, dentre outros conceitos, a *ressingularização* do indivíduo, passando a vê-lo como um universo original, singular e dignificado, a partir das suas próprias subjetividades; repudia os sistemas hierárquicos e fechados em si, as estatísticas e as pesquisas de opinião, a histeria do consumo, a ditadura das modas e das palavras de ordem, inaugurando relações mais afetuosas entre as pessoas – indivíduos ao mesmo tempo solidários e cada vez mais diferentes. Também defende a apreciação dos prazeres simples, do convívio pessoal, do contato com a natureza, da boa conversa, do fazer amor com afeto e sem exacerbar o consumo sexual; e ainda, propõe uma nova percepção sobre o belo e o feio, o certo e o errado. Para ele “tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição” (GUATTARRI, 1990, p.21).

Mas a época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos. (GUATTARRI, 1990, p.30)

[...] os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão... (GUATTARRI, 1990, p.7-8).

No entanto, o que a experiência do corpo na cidade necessita é de uma constante *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARRI, 1995), no sentido de sair da sua zona de conforto e de se permitir observar o novo, o diferente, questionar-se, fragmentar-se na busca de novos saberes, transvalorando e gerando potência a partir do próprio corpo; e não pelas leis instituídas e condicionamentos pré-estabelecidos por uma sociedade manipulada pela mídia, pela economia e pelas estruturas de poder. A noção de território e de desterritorialização, aqui utilizadas, são bem definidas por GUATTARRI:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. O território pode desterritorializar-se, isto é, abrir-se e empreender linhas de fuga ou desintegrar-se e destruir-se. A desterritorialização consiste em uma tentativa de recompor um território engajado em um processo de reterritorialização. (GUATTARRI, ROLNIK, 1996, p.372)

O corpo e a cidade se relacionam a partir da experiência urbana, numa condição de pertencimento mútuo, o corpo interage com o lugar e se expressa a partir da sua corporalidade. Nesse sentido, a experiência urbana fica gravada no corpo de quem a experimenta, definindo-o mesmo que involuntariamente; ao que se denomina *corpografia urbana*.

*As corpografias urbanas*, que seriam estas cartografias da vida urbana inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto tradicional, explicitando as micropráticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são

percebidas pelas disciplinas urbanísticas hegemônicas [...] mas que não estão, ou melhor, não deveriam estar, fora do seu campo de ação. (JACQUES, BRITO, 2008, p.183)

No entanto, a experiência corporal na cidade sofre resistência a partir da não participação da população nas decisões que competem à qualidade do espaço urbano em que vivem. A valorização do turismo e dos centros históricos, a construção de bairros e loteamentos fechados em zonas de expansão (bairros privados e cercados, formação de ‘guetos’ pobres e ricos), a favelização gerada pelo crescimento demográfico desenfreado das grandes cidades (que passam a empurrar os moradores de baixa renda para zonas periféricas da cidade), a espetacularização das cidades (cidade espetáculo) e a especulação imobiliária; são alguns dos aspectos que resultam em fragmentação social, fechamento espacial, ruptura de pactos sociais e vínculos de solidariedade local|nacional (ASCHER, 2010) além de desqualificar o ambiente e a própria experiência corpo-cidade.

As cidades passam a ser cenários ‘pra inglês ver’ ao invés de palco daquela experiência urbana de fato. As grandes distâncias entre casa-trabalho dificultam o acesso aos serviços e obrigam os trabalhadores a utilizarem meios de transporte para seus deslocamentos, gerando grande fluxo de veículos, poluição do ar e congestionamento das vias e artérias da pequena ou grande *urbe*. Apesar de a cidade contemporânea apresentar fácil mobilidade física, nem sempre ela é qualificada a atender a demanda real.

Ao caminhar pela cidade de Pelotas/RS foi possível notar alguns aspectos. No ano de comemoração dos seus duzentos anos, mantém uma imagem cartão-postal, evidenciando seus símbolos turísticos e de formação da cidade, chamando os turistas e vendendo suas terras a investidores de fora; no entanto, a realidade é um tanto quanto diferente da fotografia vista em sites e materiais de publicidade. A experiência urbana inscrita ali é de difícil mobilidade e pouca participação, caracterizada ainda pela insegurança e pela poluição. Os espaços urbanos se mostram desqualificados, o deslocamento de portadores de necessidades especiais, por exemplo, é dificultada pelo projeto mal executado das rampas de acesso aos passeios na zona central da cidade, pelas calçadas esburacadas, desniveladas e pela ausência de marcadores de piso tátil; aspectos facilitadores da acessibilidade e mobilidade física não apenas dos especiais, mas da população em geral. Pode-se ainda citar questões como ausência de ciclovias e de qualidade do sistema viário... mas o aprofundamento destas não é uma intenção neste momento.

Aliado ao argumento de AZEVEDO sobre o bom lugar, JACQUES (2008) dá pistas sobre alternativas possíveis para o *espetáculo urbano*, sugerindo a participação, a experiência efetiva e a prática dos espaços urbanos que passam pela experiência corporal e sensorial da cidade; a cidade passa a ser viva e vivida.

A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo, leva a uma restrição das possibilidades perceptivas do corpo que, então, se configura sob um padrão de corporeidade limitador, e os espaços urbanos se tornam simples cenários, espaços desencarnados. [...] A cidade, portanto, não só deixa de ser cenário quando é praticada, mas mais do que isso, ela ganha corpo, tornando-se “outro” corpo. (JACQUES, BRITO, 2008, p.185)

A partir dos modos de ação do corpo com diferentes espaços e situações se definirão as diferentes corporalidades, assim como a padronização dos comportamentos. Portanto, as corpografias urbanas são elementos possíveis de facilitar a leitura do ambiente urbano a fim de propor alternativas para a qualidade das cidades e para fornecer as melhores estratégias de intervenção nos espaços públicos, reinventando-os na intenção de chamar para a experimentação.

Um morador suburbano, por exemplo, apresenta um corpo que ginga e acompanha os espaços de sinuosidade dos becos e ruelas. “Numa favela de morro vai-se descobrindo um ritmo de caminhar diferente, imposto pelo próprio percurso das vielas. É o que chamam de ginga.” (JAQUES, 2003, p.66). Essa experiência corporal é definida pelo ambiente em que se insere, caracterizado por um traçado sinuoso, com critérios estéticos próprios daquele lugar; formado a partir da memória coletiva e das subjetividades tanto do meio quanto dos seres que ali vivem, buscando soluções para problemas imediatos criando suas próprias regras, alternativas construtivas e de conformação dos espaços. Neste sentido, o ambiente urbano desenvolve corpos que desviam, requebram, realizam trocas, se desterritorializam e se reterritorializam novamente, defendem valores e criam espaços enquanto lidam com as misérias em todos os níveis.

Esses corpos audaciosos são, de fato, um problema às instituições, pois eles escapam dos tentáculos do poder estatal; diferentemente de um outro corpo disciplinado a vigiar-se, a manter-se atualizado e a viver em conformidade com as regras criadas por outrem. A força dos dispositivos de controle e de sedentarismo da vida necessita dar lugar a forças desterritorializantes, na busca de alternativas que liberem o corpo dos condicionamentos, da passividade e da sujeição, da mentalidade de certo|errado, feio|belo; desenvolvendo nele a capacidade de criar, de experimentar a cidade a partir do seu próprio organismo, do seu próprio olhar. Abandonando roteiros pré-estabelecidos e colocando o corpo num processo de percepção e experimentação sensorial do ambiente urbano, de forma intensa e singular.

AGUIAR (2007, p.16) diz que: “A observação da realidade mostra cada vez mais as possibilidades abertas pela ação coletiva e espontânea das pessoas na produção do espaço”. Sobre a conformação espacial, mostra que os fatos urbanos são como obras de arte coletivamente produzidas a partir da memória e da experiência urbana. Entende a condição espacial a partir do corpo em movimento, o espaço vai sendo criado a partir do passeio arquitetônico, da qualidade deste, do modo como se estabelece a relação entre o corpo em movimento e o arranjo dos objetos no vazio. Ressalta a importância do vazio nesse passeio.

## **O GRAFFITI**

A arte de rua é um bom exemplo de atitude, proposta no espaço público, que pode desalinhar esses condicionamentos corporais estabelecidos. O transeunte - seja ele pedestre, ciclista, motorista - ao depara-se com um graffiti - tal qual os das figuras 1, 2, 3 e 4 que seguem - é automaticamente colocado em estado de surpresa, uma experiência nova o está aguardando, mas nesse caso ele pode escolher: ou se atenta ao novo e



permite sentir as sensações que aquela experiência poderá lhe causar ou abandona a tentativa e segue seu rumo, com a pressa e o desinteresse natural do seu cotidiano.



**Figura 1** - Arte de rua - Graffiti. Parede cega de um estacionamento. Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2012.



**Figura 2** - Arte de rua - Graffiti. Parede cega de um estacionamento. Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2012.



**Figura 3** - Arte de rua – Estêncil. Instituto de Artes e Design | UFPel. Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2012.



**Figura 4** - Arte de rua – Estêncil. Instituto de Artes e Design | UFPel. Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2012.

A desterritorialização que essa experiência pode lhe causar e a passividade do indivíduo com relação ao ambiente urbano em que se desloca são motivos suficientes para que esse corpo resista à experiência urbana, ao invés de deixar seu organismo ser invadido pelos olhos, pela textura e pela expressão artística daquela intervenção.

O Graffiti é uma forma de manifestação urbana contemporânea que contribui com a reflexão sobre as relações entre arte, estética, intervenção e constituição de sujeitos no âmbito da experiência urbana, possibilitando novas formas de os indivíduos habitarem, se expressarem e se relacionarem com o meio urbano - a cidade.

Quem produz arte, transforma a realidade, cria outras possibilidades de existência num ato de criação e recriação de si mesmos, e de quem é atingido.

A produção da arte urbana modifica a vivência cotidiana do sujeito com a cidade que habita, aumenta as possibilidades da relação corpo-cidade, produz novos sentidos, participando no processo de construção de sujeitos e na produção de suas subjetividades; “construindo uma cidade sempre em *devir*” (FURTADO, 2009, p), um constante *vir a ser*.



**Figura 5** - Arte de rua – Grafitti. Rua Anchieta. Bairro Centro - Pelotas/RS.  
**Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 6** - Arte de rua – Grafitti. Muro lateral Instituto de Artes e Design | UFPel.  
Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 7** - Arte de rua – Grafitti. Tapume Pça Cel. Pedro Osório.  
Bairro Centro - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 8** - Arte de rua – Grafitti. Parede cega de um estacionamento.  
Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 8** - Arte de rua – Grafitti. Parede cega de um estacionamento.  
Zona Portuária - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.

Falar em graffiti implica falar em pichação, termos popularmente relacionados e que se utilizam da cidade, e da arquitetura, como suporte para suas atividades. Pichação como conceito é um produto brasileiro designado para as escritas urbanas compostas por letras estilizadas, com poucas cores e de rápida reprodução, com enfoque ao ato (tem um tom de protesto e de reconhecimento). O graffiti distingue-se da pichação, na linguagem empregada e vem associado a uma preocupação estética na ação, interessa aqui o processo de criação, com enfoque ao produto final valorizando o resultado do trabalho e o espaço em que se está inserindo (RAMOS, 1994). Portanto, as diferenças estão calcadas na estética e na forma de apropriação dos espaços urbanos.



**Figura 9** - Pichação. São Paulo/SP.

**Fonte:** <http://equipevoke.com/episodes/6/missions/51/evidences/939>  
acessado em 12 de agosto de 2013



**Figura 10** - Arte de rua – Grafitti. Parede cega de um terreno vazio.  
Av. Bento Gonçalves - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.

O graffiti passa a entrar na dinâmica urbana de forma interativa (GITAHY, 1999) evidenciando as desimportâncias urbanísticas (RAMOS, 1994). Arquiteturas abandonadas, muros, fachadas, tapumes, prédios públicos e privados. Segundo GUILHERME (grafiteiro pelotense, em entrevista realizada no dia 08 de agosto de 2013

pela autora dessa pesquisa) o graffiti “traz a galeria de arte pra rua, aos olhos de todos, gratuita e disponível a todos aqueles que circulam pela cidade”. (GUILHERME, 2013)

“O graffiti e a pichação criticam a estrutura da cidade, suas territorialidades, suas regulamentações, seus espaços definidos de expressão, comunicação e diálogo, e constituem linhas de fuga e resistência dentro das propostas padronizadas, funcionais e restritivas de organização urbana” (FURTADO, 1994, p.1294).

O graffiti, então, questiona os territórios, as regulamentações impostas ao espaço, à estrutura e à imagem da cidade, se fazem na incerteza da duração, do olhar, do apagamento, da resistência e dos significados que causarão.

“(…) se não tivesse arquitetura não existiria graffiti, de repente seria uma pintura no chão, outra coisa” (GUILHERME, 2013).

Um estudo de caso, sobre a aplicação do graffiti em fachada privada a pedido dos proprietários no Bairro Areal da cidade de Pelotas/RS, foi realizado com intuito de averiguar a modificação da relação dos moradores, vizinhos e demais transeuntes do espaço público acerca da experiência.



**Figura 11** – Fachada residência antes da aplicação do graffiti.  
Rua Cláudio Manoel da Costa –Bairro Areal - Pelotas/RS. **Fonte:** Google Earth.  
Acessado em 09 de agosto de 2013.



**Figura 12** – Fachada residência durante a aplicação do graffiti.  
Rua Cláudio Manoel da Costa –Bairro Areal - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 13** – Fachada residência depois da aplicação do graffiti.  
Rua Cláudio Manoel da Costa –Bairro Areal - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 14** – Fachada residência depois da aplicação do graffiti.  
Rua Cláudio Manoel da Costa –Bairro Areal - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 15** – Fachada residência depois da aplicação do graffiti.  
Rua Cláudio Manoel da Costa –Bairro Areal - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.



**Figura 16** – Detalhe fachada residência depois da aplicação do graffiti.  
Rua Cláudio Manoel da Costa –Bairro Areal - Pelotas/RS. **Fonte:** do autor, 2013.

Segundo a proprietária (ALLEMAND, 2013), o graffiti serviu como uma forma de identificação da casa; primeiramente a reação foi de surpresa para os vizinhos e visitantes, depois virou a atração da rua. “Os vizinhos param para olhar, para tirar fotos” (ALLEMAND, 2013). Gerou a aproximação, dos vizinhos e transeuntes além de



umentar o diálogo! Ela considera ainda a importância de inserir a arte ao meio ambiente, no cotidiano das pessoas que passam a ter um contato direto com as artes plásticas sem precisar se deslocar a uma galeria de arte.

Parece que as pessoas percebem mais a casa, e a gente. Antes eu notava uma barreira. Porque a nossa casa fica bem numa zona de fronteira, no bairro Leocádia, na esquina onde uma rua é de chão batido e a outra é pavimentada, e o graffiti passou a estabelecer uma relação de inclusão com os vizinhos. (ALLEMAND, 2013)

O artista responsável pela pintura argumenta sobre os motivos que o levam a exercer a prática do graffiti: “A intenção é a de mudar a rotina das pessoas, deixar o lugar mais colorido. Fazer as pessoas pararem, olharem. O muro tava liberado, e eu queria muito lacrar um muro!” (GUILHERME, 2013).

E ainda, sobre a reação das pessoas que transitam durante a prática o artista diz que:

No outro dia eu fui tirar foto e tinham várias pessoas olhando, até um motoqueiro passou e ficou olhando. Mas no dia que tava pintando, só tinha uns riscos, e uma mulher passou e perguntou se nós éramos de umbanda, eu disse que não. Ela foi na feira e voltou e falou: - ah tá ficando bonito, mas na minha casa eu não quero isso. E eu disse que eu tinha sido contratado pra pintar ali e ela disse: ah te contratou, é esse pessoal de classe média é assim. (GUILHERME, 2013).

É possível notar que, apesar de cada vez mais dura, a cidade ganha vida com a arte inscrita em seus muros e abandonos. Ela é o lugar de atuação, de constituição de práticas e de redes coletivas de significação (FURTADO, 2009) tendo no graffiti a produção de uma outra cidade contida nela própria. Numa atividade onde o artista, grafiteiro, ‘rouba’, ‘se apropria’ de um muro, uma fachada, e devolve um espaço revitalizado à comunidade, que responde dialogando, questionando, deixando seus corpos serem invadidos pela surpresa e pelos novos sentidos que lhe causarão.

## CONCLUSÃO

Conhecer o espaço urbano e perceber de que maneira a população se utiliza dele, descobrindo quais são as demandas reais daquela cidade, possibilita avaliar as contribuições que qualificarão a experiência urbana, configurando estética e morfologicamente determinado ambiente ao invés de utilizar-se de modelos prontos e globais. Reconhecer para interferir de maneira eficiente e coerente é papel do arquiteto-urbanista, oferecer condições para vidas mais ativas nas cidades em diálogo com a população.

Os corpos se movem nos espaços e criam espaços a partir dos seus movimentos, dessa forma, as ações qualificam os espaços e os espaços qualificam as ações, reciprocamente; essa leitura é possível a partir dos conceitos de cartografia e de corpografia urbana.

Uma arquitetura baseada no movimento dos corpos no espaço poderá então apresentar um sistema espacial suporte que permita encontros e atividades sem previsão, mobilidade das pessoas num sistema de redes, fluxos e percursos tendo a malha como um sistema ordenador.

O grande desafio aqui parece ser o de acreditar na potência, na espontaneidade e na beleza, criando condições para que os corpos ultrapassem a padronização, a passividade e o determinismo instaurados, buscando modos de vida mais autênticos e corpos mais espontâneos que dialoguem com o meio em que convivem. Nesse sentido, o graffiti como arte que tem na cidade e na arquitetura os seus suportes se mostra como um dispositivo capaz de desterritorializar os indivíduos atingidos gerando forças no sentido da experiência urbana, do diálogo, das potências.

## Referências

AGANBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. trad. Vinicius Nacastro Honesko. Chapecó, SC: Argos: 2009.

AGUIAR, Douglas Vieira de. *Alma Espacial – o corpo e o movimento na arquitetura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

ASCHER, François. *Os novos princípios do urbanismo*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BAUMAN, Zigmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo 2: da Revolução à Grande Guerra*. trad. João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Felix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: 34 Ltda, 1995.

FURTADO, Janaína; ZANELLA, Andréia Vieira. *Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas*. In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura - Visual|Faculdade de Artes Visuais|UFG. - V. 7, n.1 - Goiânia-GO: UFG, FAV, 2009. P. 141-158

GITANY, C. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999. Coleção primeiros passos.

GUATTARRI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica - Cartografias do Desejo* - Petrópolis: Vozes, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dultra. *‘Corpografias urbanas: relações entre o corpo e a cidade’*. In: LIMA, Evelyn F. Werneck (org.). *Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco*, Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. *A cidade na Incerteza: Ruptura e continuidade em urbanismo*. Rio de Janeiro: Ed. PROURB, 2007.

RAMOS, Célia Maria A. *Grafite, pichação & Cia*. São Paulo: Annablume, 1994.

SECCHI, Bernardo. *Primeira Lição de Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

### **Entrevistas:**

Guilherme Nunes da Rosa (Graffiteiro – Pelotas/RS) – entrevista realizada em 08/08/2013, via oral.

Renata Allemand (Proprietária residência em estudo) - entrevista realizada em 08/08/2013, via e-mail.